



## Como repelir os vampiros que estão a enxamear Portugal



### 1. INTRODUÇÃO

Uma pandemia, como o azar, nunca vem só. Não bastavam a crise e a virulenta Gripe A, cai-nos em cima, agora, uma praga vampírica como não se via desde o século XVIII. Publicaram-se em Portugal, durante o ano que está prestes a terminar [2009], cerca de vinte livros de vampiros. Um profissional do ramo estima em meio milhão o total de exemplares impressos. Espantoso! Para este número muito contribuíram os quatro "best-sellers" de Stephanie Meyer que se mantêm há meses nos top's de vendas. A tetralogia já soma 42 milhões de livros nos cinco continentes. Mais modesta será naturalmente a faturação de uma antologia realizada por nove escritores portugueses, *Contos de Vampiros*. Outro autor luso, isolado, vai erguendo uma saga subordinada ao título *Memórias de um Vampiro*. Avassaladora é também a vaga pandémica na televisão: inúmeros canais por cabo têm dedicado atenção exaustiva ao fenómeno. À hora de fecho deste balanço, a situação em Portugal era a seguinte: a RTP1 transmite aos sábados *Diários do Vampiro*; a TVI prepara *Destino Imortal*; a SIC anuncia para breve *Lua Vermelha*. No cinema destacam-se, entre outros, os filmes adaptados da saga de Meyer, o mais recente dos quais, *Lua Nova*, exhibe-se neste momento em 53 salas. Inevitável, o filão é também explorado em outras áreas de mercado: dos ténis às T-shirts, dos calendários aos porta-chaves. Não faltarão parolos que neste Natal cederão à suprema incongruência de oferecer uma caixa de chocolates, marca "Vampyre", na qual se vê estampado em berrante quadricromia o Conde de Drácula, cuja predileção pelo recheio da embalagem parece improvável. De lastimar que nesta avalanche vampírica não se vislumbre uma frase, uma só palavra que responda ao essencial: **Como deverão proceder os humanos de sangue ainda não corrompido para repelir (se possível, exterminar) os vampiros que estão a contaminar o País?**

É nestas conjunturas de emergência que os cidadãos, perante a inação dos setores oficiais, recorrem esperançosamente ao **Receituário Doméstico**. Em boa hora o farão. Mais uma vez este Serviço Público não se eximirá do dever de bom aconselhamento, mesmo quando as questões, como a vertente, se afiguram irremediáveis.

## 2. DO CLÁSSICO ALHO ÀS ARMADILHAS

De entre os variadíssimos expedientes praticados desde tempos imemoriais com o fim de repelir os vampiros, o mais eficaz, económico e higiénico continua a ser o alho.

Exato: o alho comum cultivado em toda a parte para condimento culinário. Devem preferir-se os dentes purpurescentes, de quilha verde despontada, pois esses concentram maior quantidade dos inigualáveis compostos sulfurados que os impregnam daquele cheiro ativo tão característico. O alho, sabe-se, é um excelente imunizador contra uma infinidade de maleitas, inclusive as originadas por excessivo tempo de audição dos comentadores políticos e dos próprios agentes políticos. Já no século XVIII, em época de peste, era habitual ver-se o cirurgião trazendo «**na boca, entalado, um dente de alho**», gesto que por incúria não foi ainda adotado pelos nossos governantes e demais personalidades de topo dos órgãos de soberania (uma exceção que nos é grato realçar: o presidente da Assembleia da República).



*Já no século XVIII, como pode ver-se nesta imagem, algumas cabeças de alho eram indispensáveis nos "kit's" anti-vampíricos.*

Uma propriedade da planta, menos conhecida, é o sulfureto de *alilo*, usado na confeção de cataplasmas em estados críticos de oxiuríase. Ora, nenhum vampiro, mesmo os que incarnaram em criaturas humanas, consegue suportar o odor do sulfureto de *alilo*. Esta vulnerabilidade, comum a todos os

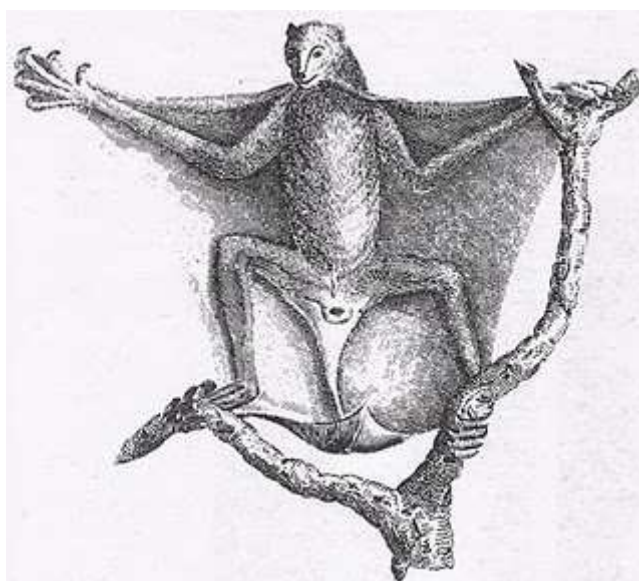
quirópteros, é especialmente notória no género *vampyrus*. A glândula parótida destes mamíferos voadores é bastante serosa e sensível, reagindo de imediato a determinados sulfuretos enérgicos, como é o caso do dito *alilo*. Observou-se em experiências laboratoriais que o vampiro começa por sentir uma enorme irritação no órgão glandular, seguindo-se forte sensação de náusea idêntica à detetada em telespetadores portugueses depois de assistirem às intervenções do presidente da República. Por fim, o vampiro agita-se, como que enlouquecido, tentando a todo o custo bater em retirada. Um conseguiu-o, certo dia, ocorrendo então o funesto episódio de esse quiróptero ter mordido o pescoço da líder da Oposição, acontecimento mantido desde então em blindado secretismo. Todavia, por mais que a vítima tente, a dissimulação não resulta. Um processo muito simples de aplicar o alho em redor de uma habitação consiste em introduzi-lo num almofariz e migá-lo com um cavaco bem escanhado. Depois, espalhe-se a pasta um pouco por todo o lado, estrategicamente na proximidade de portas e janelas. Renove-se o preparado de três em três semanas. Os povos eslavos e balcânicos, com maior singeleza limitam-se a fazer um bom feixe de cabeças rechonchudas que pregam atrás da porta de entrada. Procedimento, aliás, praticado durante muito tempo, também em Lisboa, nos palácios de Belém e de São Bento. Estranhamente, há alguns anos, os novos inquilinos, logo no primeiro dia quebraram a tradição, berrando de longe, apopléticos, que removessem sem demora os molhos de alhos. As autoridades draculistas historiam um número imenso de tipos de armadilha para vampiros. Trata-se, em geral, de engenhos muito antigos cuja origem se perde na noite dos tempos. Este **Receituário Doméstico** aconselha, pela simplicidade, uma artimanha tributada a especialistas da Bulgária. Assim: Arranje-se um pote grande e com boca larga. Por volta da meia-noite, encha-se o recipiente com sangue fresco e coloque-se o mesmo no local suspeito da presença de vampiros. Não tardará o momento em que o primeiro, sedento e guloso, se aproxime e não resista a entrar no frasco. Tão logo isso suceda, tape-se a boca (do pote) e, num movimento lesto, arremesse-se a encomenda para uma fogueira ateadada previamente. O autor do **Receituário Doméstico** testemunhou a eficácia do sistema, com resultados espetaculares, durante uma experiência realizada numa noite de luar, perto da sede da Associação Sindical dos Corruptores Oprimidos (ASCO).

Há quem, na falta de sangue, tenha tentado ludibriar o vampiro, enchendo o pote com sumo de tomate, mas o truque não resulta.

### 3. O GRANDE EQUÍVOCO DO CRUCIFIXO DE FERRO

Uma prática cujos efeitos são idênticos aos do sulfureto aqui descrito tem por objeto a produção doméstica de hidróxido de ferro – um elemento muito simples mas que nenhum vampiro (seja quiróptero ou incarnado em criatura humana) consegue tolerar. O hidróxido de ferro nada mais é do que a contrariante substância que todos conhecemos pelo nome de *ferrugem*. Mas, ao contrário do que parece, a criação deliberada de uma boa quantidade de ferrugem não é tarefa fácil, sobretudo devido à extrema morosidade do

processo. Contudo, nunca são demasiadas as diligências que se empreendam para repelir os vampiros. Valerá a pena, portanto, o esforço dos passos que enunciamos a seguir.



*Representação de um quiróptero da espécie "Vampyrus" no imaginário popular inglês do século XVIII.*

(Coleção Particular do Autor)

Antes do mais, o leitor deverá dirigir-se a uma serralharia e pedir que lhe forneçam uma porção de limalha de ferro, ou seja, o desperdício resultante dos materiais trabalhados no chamado serrote mecânico. Esta limalha está humedecida, em geral, por um produto oleoso (precisamente uma solução antiferrugem), pelo que se torna necessário, ao chegarmos a casa, lavá-la ou queimá-la, por forma a eliminar completamente os resíduos do óleo. Depois, é indispensável acelerar o processo de oxidação. Se nos limitássemos a colocar a limalha ao ar livre, à espera do surgimento da ferrugem, teríamos de esperar meses. Existe um processo bastante expedito para abreviar a operação. Comece-se por misturar a limalha com uma quantidade de terra vegetal (a vulgar turfa que podemos adquirir nos centros de jardinagem). Deposite-se a mistura num vaso de, aproximadamente, dez litros. Certifiquemo-nos de que o recipiente tem os orifícios de escoamento bem abertos no fundo – detalhe importante para o estágio seguinte: a rega. Esta deverá fazer-se todos os dias, copiosamente. Ao cabo de poucas semanas é possível desfrutar de uma estupenda dose de ferrugem que arrepiará os dentes do mais pertinaz vampiro. Aumentar o número de vasos e porções de limalha consoante as necessidades.



Em alternativa à limalha da serralharia poderão ser usados pregos comuns, de tamanho superior a oito centímetros. Os pregos constituem um ótimo material para a produção rápida de hidróxido de ferro. Com apenas três vasos e dez quilos de turfa obtém-se um quilo de excelente ferrugem.

Aqui chegados, os leitores argutos já terão captado a génese da intrigante decisão de um presidente da Câmara Municipal de Lisboa ao ordenar, crispado, logo que se estreou no cargo, a substituição do mobiliário metálico existente no seu gabinete, pretextando que o mesmo se encontrava caduco e impróprio do espaço presidencial da mais importante autarquia do País. O que nunca chegou ao conhecimento público é que esses móveis apresentavam sinais inconfundíveis de ferrugem. À época, os especialistas da questão vampírica receberam a notícia com sorrisos de bom entendimento. Sabiam que cena idêntica acontecera anos antes, com a mesma pessoa, então exercendo a presidência da Câmara Municipal da Figueira da Foz, cujo mobiliário metálico se mostrava vulnerável ao ar hipersalino do Atlântico vizinho.

Está banido o costume dos camponeses da Roménia (antiga Transilvânia, terra natal de Drácula) de introduzir a matéria ferruginosa em pequenos sacos de serapilheira que eram colocados nas ombreiras das portas. É certo que podemos proceder com a ferrugem do mesmo modo que descrevemos para o alho, espalhando-a em locais estratégicos como sejam os frequentados pela elite da alta finança (os "gatos gordos" – segundo a amorosa definição de Barack Obama). Modernamente, porém, aconselha-se depositá-la nos vasos com plantas que tenhamos em casa, em varandas ou alpendres. O hidróxido de ferro é completamente inofensivo para as plantas: impede até o aparecimento da clorose e estimula a clorofila. São óbvias as vantagens deste processo. Por um lado arredamos a vampirada e por outro teremos o gosto de contemplar as plantas pujantes e cada vez mais belas.



*A rosa "Black Baccara" torna-se uma eficaz flor vampiricida quando cultivada em turfa vitalizada com hidróxido de ferro*

Deixámos para o fim o muito discutido tema do **crucifixo de ferro**. Do recurso ao hidróxido deste metal, importante agente vampiricida, derivaram imensos relatos fantasiosos, segundo os quais deverá impelir-se um crucifixo de ferro na direção do vampiro atacante. Ora, esclareça-se em definitivo que tal não passa de uma crença desprovida por completo de fundamento científico. O que na realidade causa aversão ao vampiro é o ferro, idealmente oxidado, nunca a configuração estética do mesmo.

É de facto lamentável que em pleno século XXI, escritores, realizadores cinematográficos e autores de séries televisivas persistam na exploração de tão primitiva credence. Agiriam decerto de modo diferente se se inteirassem do ocorrido há tempos com o camarada secretário-geral do Partido Comunista Português. Temendo um ataque de vampiros, trazia de hábito, num bolso do casaco, um crucifixo de ferro. Ora, uma noite, finda uma manifestação contra o Governo, regressava ele a casa, com a bandeira do partido meio desfraldada. De súbito viu-se perante um vampiro ávido e não-alinhado, atraído decerto pelo tom rubro da flâmula comunista. O pobre do secretário-geral, que havia adquirido o crucifixo numa loja de Fátima, bem o brandiu freneticamente. Mas o da dentuça afiada acometeu, sem mostrar o mínimo temor. Que se passou? Simples: o crucifixo, embora de ferro, era novíssimo, virgíneo, rebrilhava de frescura, e se acaso algum odor exalava daquele artefacto do comércio retalhista seria o da cera dos círios, jamais o de um metal bem nutrido de ferrugem.

Fácil adivinhar o resultado. Mais um caso de impossível dissimulação.

#### 4. O PROBLEMA DA INCARNAÇÃO EM CRIATURAS HUMANAS

Sabe-se que os vampiros não-humanos (cientificamente denominados *hematófagos*, dotados de termopercepção, uma das mil espécies de quirópteros) corrompem com facilidade o sangue de criaturas humanas vivas, bastando para tanto filarem-lhes o pescoço, de tal modo apossando-se da natureza das mesmas (v. os casos citados). A propagação desenvolve-se depois de humano para humano, sempre mediante degustação nos vasos sanguíneos da região do pescoço. Até aqui, tudo normal. O grande berbicacho é que um vampiro humano continua ativo mesmo depois de morrer. Sobremaneira ávidos revelam-se os indivíduos que morreram prematuramente e que em vida se caracterizaram pelos seus maus instintos. Ao invés da tese defendida por Stephanie Meyer, **não existem vampiros bons**. Só uma pessoa ignorante por completo do fenómeno vampírico pode afirmar tal coisa, mas não surpreende: Meyer já ludibriou milhões de leitores impingindo-lhes o mais destrambelhado dos conceitos, o de um lobisomem bonzinho.

Em síntese, um humano nunca nasce vampiro. Converte-se em vampiro após a tradicional mordedura no pescoço por um vampiro humano ou por um quiróptero da espécie, como se exemplificou com o caso de uma líder política portuguesa quando, a uma hora já crepuscular, abandonou a sede do partido. Diz-se, então, que se corrompeu o sangue do humano não-vampiro. Apenas uma radical transfusão de sangue solucionaria a situação. Sucede, porém, que nessa fase o recém-convertido já não se denuncia, «sentindo-se bem na nova condição» (cf. Redav, 1945).

A incarnação consuma-se nas 24 horas seguintes à mordida.

Permanece em estado vampírico mesmo depois de morrer, como elucidámos. Reanimado pelo espírito demoníaco, o ente volta ao nosso mundo com eterna sofreguidão. Alimenta-se tão-só de sangue – o supremo veículo da vida. Não um sangue qualquer. Terá de ser, quase decisivamente, da própria espécie, ou seja, humana.

Sempre à noite (em consequência do horror à luz do dia), insaciáveis, os vampiros humanos saem dos seus túmulos, em busca do rubro nutriente. Alguns figuram a estranha obstinação de pretender relações sexuais com humanos ainda não corrompidos. O vampirólogo inglês V. Krad relatou que durante as suas investigações em Portugal, no ano findo, foi ele próprio assediado com embaraçosa pertinência por uma jovem e pestanuda vampira oriunda de um partido da extrema-esquerda. Já anteriormente outros investigadores haviam notado que a vampirização se encontra muito generalizada na sociedade portuguesa, a começar pelos governantes políticos e a acabar nos magnates da alta finança. Mesmo os políticos oposicionistas não estão imunes. Relembramos por curiosidade o caso (aqui descrito) do líder atacado por um vampiro, do qual julgou poder defender-se brandindo um crucifixo comprado em Fátima. Depois... bem... (v. Redav, 1945, cit. linhas atrás).



Que fazer para pôr cobro ao desígnio de eternidade de um vampiro humano? É neste ponto que o **Receituário Doméstico** poderá avançar com os esclarecidos conselhos que muitos cidadãos aguardam, ansiosos, desde o princípio desta dissertação.

Antes do mais torna-se imperioso comprovar se o suspeito é, realmente, um vampiro. Enganos desses (já os houve, também em Portugal) serão irreparáveis.

**Como proceder:** a uma hora noturna, abra-se de mansinho o caixão da pessoa suspeita de praticar vampirismo. Examine-se com atenção o corpo. Apresentando-se, este, incorrupto, flexível, com um aspeto saudável e boas cores, então não restam dúvidas de que estaremos perante um refinado vampiro.

A metodologia de aniquilamento resume-se a um instrumento em forma de estilete perfurante. Com tal instrumento se golpeará, de estocada fulminante, o coração do vampiro, assim ficando para sempre desarraigado o demónio que se apossou daquele corpo.



Aconselhamos a estaca, secularmente o utensílio mais comum.

Existem à venda kit's anti-vampiro que incluem uma estaca sofisticada, contudo sairá mais económico adquirir numa estância de madeiras um daqueles paus cilíndricos destinados a armar vedações. Serve na perfeição. Deverá averiguar-se da resistência da madeira (preferir, sempre, a que estiver mais verde), e, sobretudo, verificar se uma das extremidades se encontra convenientemente aguçada, à semelhança dos próprios incisivos do quiróptero humano.

© PEDRO FOYOS

(Escrito em 1992, reescrito em 2009)

